



Periferias, tráfico de drogas e redes criminais: diversificação de produtos, acumulação e controle social em Fortaleza, Ceará

Peripheries, drug trafficking and criminal networks: product diversification, accumulation and social control in Fortaleza, Ceará

Clodomir Cordeiro de Matos Júnior

clodomir.cordeiro@gmail.com

Universidade Federal do Maranhão - UFMA

João Pedro de Santiago Neto

joao_santiago_33@yahoo.com.br

Programa de Pós-Graduação em Sociologia da
Universidade Federal do Ceará

10.52521/opp.v22n47.4443

FLUXO DA SUBMISSÃO

Submissão do trabalho: 30/11/2024

Aprovação do trabalho: 13/02/2025

Publicação do trabalho: 31/03/2025

Resumo

O trabalho visa explorar as transformações do mercado varejista de drogas ilegais em Fortaleza, Ceará, nos últimos vinte anos e sua importância para a compreensão da emergência e conformação de um novo arranjo criminal no estado a partir de 2014. Privilegiando as representações e experiências dos traficantes varejistas das periferias da capital cearense, através de uma pesquisa realizada entre os anos de 2016 e 2019 em três bairros da cidade, o artigo destaca, por um lado, a importância do processo histórico de diversificação da oferta de mercadorias ilegais para os estudos sobre a atuação das redes criminais, e, por outro, os ajustamentos e dispositivos de controle que permeiam os engajamentos desses sujeitos a uma nova maneira de condução e gestão do crime nos bairros periféricos da região Nordeste do Brasil.

Palavras-chave

Tráfico. Drogas. Redes. Controle. Fortaleza.

Abstract

The work aims to explore the transformations of the illegal drug retail market in Fortaleza, Ceará, in the last twenty years and its importance for understanding the emergence and conformation of a new criminal arrangement in the state as of 2014. Privileging the representations and experiences of traffickers retailers in the peripheries of the capital of Ceará, through a research conducted between the years 2016 and 2019 in three neighborhoods of the city, the article highlights, on the one hand, the importance of the historical process of diversifying the supply of illegal goods for studies on the performance of criminal networks, and, on the other hand, the adjustments and control devices that permeate the engagement of these subjects to a new way of conducting and managing crime in the peripheral neighborhoods of the Northeast region of Brazil.

Keywords

Trafficking. Drugs. Networks. Control. Fortaleza.

Introdução

O trabalho visa explorar as transformações do mercado varejista de drogas ilegais em Fortaleza, Ceará, nos últimos vinte anos (2000-2019) e sua importância para a compreensão da emergência e conformação de um novo arranjo criminal no estado. Privilegiando as representações e experiências dos traficantes varejistas de *cannabis*, cocaína e *crack* da capital cearense, temos por objetivo destacar o processo de diversificação da oferta de mercadorias ilegais e seus impactos econômicos e políticos no perfil dos varejistas das periferias de Fortaleza, como também os ajustamentos práticos e subjetivos que permeiam os engajamentos desses sujeitos às redes criminais que se capilarizaram, sobretudo a partir de 2014, nos bairros periféricos da região Nordeste do Brasil.

Apresentando os resultados de uma investigação realizada, entre os anos de 2016 e 2019, em três bairros¹ da periferia de Fortaleza em interlocução com traficantes varejistas de drogas ilegais, o presente texto busca dar visibilidade a um cenário que tornou possível, através do acúmulo de diferentes capitais (Bourdieu, 2011), a conformação de um arranjo criminal que se precipita de maneira difusa em meados de 2014 no estado. Conectando-se às redes nacionais e internacionais de circulação de pessoas e mercadorias legais e ilegais, sobretudo a partir da modernização da infraestrutura de transportes aeroportuários e adensamento populacional da região metropolitana da capital, os varejistas das periferias cearenses nos dão pistas significativas sobre a presença, anteriormente “silenciosa”, das redes criminais em terras cearenses e sobre o processo de acumulação (Misse, 2006) necessário para a conformação contextual dos arranjos criminais locais.

Buscando contemplar os objetivos do texto, inicialmente nos debruçaremos sobre a figuração do mercado varejista de drogas ilegais nas periferias de Fortaleza, Ceará, e suas transformações a partir do final da década de 1990. Percorrendo as narrativas e representações de traficantes varejistas que atuam nas periferias da cidade, produtos, dinâmicas e redes que conectam Fortaleza às rotas regionais e internacionais de circulação de mercadorias ilegais ganharam forma e densidade.

Em um segundo momento, exploraremos as mudanças nas formas de organização, gestão e controle das atividades ligadas ao comércio de mercadorias ilegais agenciadas nas periferias cearenses a partir de 2014 e seus impactos nas experiências, regimes de moralidades e engajamentos exigidos dos varejistas de drogas em Fortaleza. Diante de uma figuração criminal que coloca em evidência sujeitos conectados, alguns mais outros menos, a redes que atuam em nível local, nacional e internacional, as experi-

1 Buscando preservar a integridade física de nossos interlocutores, seus nomes, assim como os dos bairros onde a pesquisa foi realizada, são fictícios.

ências associadas ao tráfico e à vida no “mundo do crime” (Ramalho, 1979) transformam-se simbólica e materialmente.

Procedimentos metodológicos

Uma maneira instigante de compreender os procedimentos metodológicos das pesquisas sociais consiste em considerá-los como o caminho e o instrumental próprios das abordagens da realidade (Minayo, 1994). Nessa perspectiva, a metodologia ocupa um lugar de destaque na produção do conhecimento científico ao permear as visões de mundo veiculadas nas teorias sociais.

Partindo desse pressuposto e privilegiando um olhar qualitativo sobre nosso objeto, trabalhamos na execução da pesquisa que deu origem ao presente texto, entre 2016 e 2019, com momentos interligados e complementares. Com o intuito de compreender os processos sociais que tornaram possível a emergência dos coletivos criminais no Nordeste brasileiro, exploramos fontes midiáticas (jornais, revistas e páginas da internet) e produções bibliográficas locais e nacionais (livros, teses, artigos), escolhidas por versarem, direta ou indiretamente, sobre as diferentes formas de atuação desses sujeitos e suas conexões com as dinâmicas do tráfico de drogas. Desse modo, buscamos trabalhar ao longo da pesquisa com textos que pudessem contribuir teórica e metodologicamente com o desenvolvimento e o refinamento de nossa análise.

Interligado a esse momento, realizamos observações diretas em três bairros de Fortaleza, capital do estado do Ceará, Brasil, localmente reconhecidos como áreas de intenso comércio de drogas e conflitos armados. Fruto de contatos estabelecidos por meio de experiências de moradia e realização de estudos acadêmicos anteriores², enquanto pesquisadores conseguimos tecer as relações de empatia e confiança com sujeitos inseridos nas dinâmicas de comércio e consumo de drogas nas ruas, esquinas e praças das periferias de Fortaleza, situação que tornou nossa pesquisa possível. Privilegiando um olhar sobre o cotidiano³ e as práticas de nossos interlocutores, realizamos observações de campo, conversas informais, entrevistas semiestruturadas e rodas de conversas, entre 2016 e 2019, buscando compreender as transformações do mercado varejista de drogas nas periferias da capital cearense nas últimas duas décadas (2000-2019). Individu-

2 Um dos autores do artigo pesquisou a produção de sentidos em torno da violência em um desses bairros durante a graduação e as dinâmicas locais de consumo de drogas para a produção de sua dissertação (Matos Júnior, 2004; 2008), enquanto o outro estudou as sociabilidades que envolvem o consumo de *crack* durante a pesquisa que deu origem a sua monografia e em sua dissertação os conflitos que se produziam a partir das dinâmicas do tráfico de drogas em outro desses bairros (Santiago Neto, 2011; 2014).

3 Entende-se que o “quotidiano é um lugar privilegiado da análise sociológica na medida em que é revelador, por excelência, de determinados processos do funcionamento e da transformação da sociedade e dos conflitos que a atravessam” (Pais, 2003, p. 72).

almente ou em dupla, tivemos a oportunidade de entrevistar 18 interlocutores do sexo masculino, com idades entre 25 e 56 anos, que afirmaram, categoricamente, atuarem no tráfico varejista de *cannabis*, cocaína e *crack* em suas comunidades. Desse total, 06 nos permitiram, a partir dos contatos tecidos ao longo dos anos e da exposição dos objetivos e procedimentos éticos da pesquisa científica, utilizar o gravador para o registro de nossos diálogos e entrevistas.

Após as etapas de campo da pesquisa os dados presentes em nossos cadernos de campo e entrevistas foram organizados para uma posterior análise, sendo trabalhados e interpretados a partir de recortes que nos ajudam a compreender as conexões locais entre o crime, as juventudes e o tráfico de drogas.

1 Tráfico varejista de drogas ilegais nas periferias cearenses: traços de sua história, produtos e conexões

Os dados oficiais relativos ao comércio e consumo de drogas ilegais no Brasil, como em diversos países do mundo, subestimam de maneira significativa o volume das mercadorias que circulam no território nacional, sejam as produzidas para o abastecimento das rotas internacionais do tráfico internacional dessas substâncias, sejam as que se voltam para o consumo doméstico no país. Coelho (1979) considera que as estatísticas oficiais não conseguem identificar, através de seus levantamentos e números, a *criminalidade real* que permeia a sociedade brasileira, apresentando dados relevantes sobre as dinâmicas das atividades dos órgãos encarregados do controle do crime, mas pouco significativos para a mensuração do volume do comércio e consumo de mercadorias ilegais no país⁴. Nesses levantamentos reveladores de “tendências”, os fluxos das atividades ilegais são rotineiramente *sub-representados*, criando uma série de dificuldades para a elaboração de estimativas confiáveis sobre a quantidade de drogas que circulam no território nacional e sua potencial lucratividade.

Analisando as modalidades de atuação do “crime organizado” e suas articulações com o fenômeno do tráfico de drogas ilegais no estado do Rio de Janeiro na década de 1970, Alba Zaluar (2004) considera que:

De fato, foi no final daquela década que o Brasil entrou nas rotas da droga (cocaína), mas a partir de estados muito mais próximos das fontes produtoras, como Acre, Rondônia, Mato Grosso, Paraná e São Paulo (Geffray, 1996, 2001), e pelas rodovias que atravessam o país, especialmente a mais ampla malha existente no estado de São Paulo (Mingard e Goulard, 2002). (Zaluar, 2004, p. 353)

4 O United Nations Office on Drugs and Crime (UNODC) publica anualmente, desde 1997, o “Relatório Mundial sobre Drogas”, buscando apontar tendências na produção, tráfico e consumo de drogas ilegais em diferentes partes do mundo. Ver <https://www.unodc.org/lpo-brazil/pt/drogas/index.html>. Acessado em 01/02/2021.

A inserção do Brasil nas rotas internacionais do tráfico de drogas, inicialmente através de seus estados fronteiriços, atendia, naquele momento: as expectativas de altos lucros dos atacadistas da droga, posicionados nos mais altos níveis da hierarquia dessas redes e extremamente organizados; as demandas por ganhos imediatos dos traficantes varejistas locais, envolvidos no comércio de drogas e armas nas periferias das cidades; e, a conformação de *estilos de uso* que se transformavam rapidamente em uma sociedade de consumo como a brasileira (Zaluar, 2004)⁵.

No estado do Ceará, região Nordeste do país, o incremento populacional dos últimos cinquenta anos⁶ e a instalação de equipamentos logísticos nas últimas três décadas, tais como o Aeroporto Internacional de Fortaleza e o Complexo Portuário do Pecém⁷, ampliaram exponencialmente a capacidade de transporte e circulação de pessoas e mercadorias em terras cearenses, inserindo o estado nas rotas do lucrativo comércio internacional e nacional de mercadorias legais e ilegais. A interface desses processos em uma sociedade do capital e do consumo contribuiu de maneira decisiva para a transformação do cenário do tráfico varejista de drogas nas periferias de Fortaleza. Nesse momento, como apontam nossos interlocutores, ampliou-se a variedade e a qualidade dos produtos oferecidos nas “bocadas” da cidade; potencializou-se a lucratividade dos sujeitos envolvidos nesse arriscado comércio, alterando de maneira significativa o perfil econômico e social dos traficantes varejistas localmente enraizados; e, ganharam forma novas experiências e práticas associadas ao uso dessas substâncias em terras cearenses.

Nascido em Pontamar, tradicional reduto do tráfico varejista de drogas em Fortaleza desde pelo menos a década de 1970, usuário de *cannabis* e traficante do varejo, Carlos descreve com certo saudosismo os produtos, formas de apresentação e valores que caracterizaram o início de suas atividades ilegais nas ruas da comunidade.

“[...] Eu morava perto da “boca” do Antônio e sempre pegava lá com ele. Naquele tempo a gente fumava o “solto”, era “meio mundo” (uma grande quantidade) de “bagulho” quando

- 5 Alba Zaluar (2004) utiliza o termo *estilo* para se referir à rapidez com que marcadores sociais da diferença e práticas sociais se modificam em um mundo de redes cada vez mais conectadas.
- 6 A população da capital Fortaleza, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), passou de 872.702 indivíduos em 1970 para cerca de 2.669.342 em 2019, tornando-se a quinta cidade mais populosa do país.
- 7 A hipótese da intensificação da inserção do Ceará nas rotas internacionais do tráfico de drogas a partir da década de 1990 está associada, em termos infraestrutural e logístico: a inauguração do novo Terminal de Passageiros (TPS) do Aeroporto Internacional Pinto Martins em Fortaleza, em 07 de fevereiro de 1998; a instalação do terminal portuário do Porto do Pecém na região metropolitana de Fortaleza, em março de 2002; e, a inauguração de um novo Terminal de Logística de Carga (TECA) em julho de 2009 no aeroporto internacional do estado. Essas instalações teriam ampliado significativamente a capacidade de circulação de pessoas e importação e exportação de mercadorias, legais e ilegais, no Ceará, atraindo para o estado grupos de traficantes com articulações nacionais e internacionais.

tu ia fazer um “jogo” (comércio). (Nesse momento o interlocutor articula as duas mãos com a intenção de mostrar a quantidade que era adquirida). Tinha as bala de dois (reais) mas também tinha na quantidade! Quando o cara ia pegar de quantidade a galera vendia era na “lata”! (Referência a latas de leite em pó que eram utilizadas como medidas para a venda da erva) Hoje você pode procurar na favela toda que você não acha quem venda do “solto”! [...]” (Carlos, 45 anos, morador de Pontamar).

Nas décadas de 1980 e 1990, como aponta Carlos e outros interlocutores da pesquisa, predominava nos bairros das periferias de Fortaleza o comércio da *cannabis* do tipo “solta”, apresentada sob a forma de “balas”, quando em pequenas quantidades, ou sob a forma de “latas”, quando em maiores volumes. Durante esse período o tráfico varejista da “erva” em Pontamar passa a ter Antônio como um de seus grandes protagonistas. Contando com a cooperação e organização de sua rede familiar o traficante estabeleceu conexões duradouras com produtores das cidades que compõem o “Polígono da Maconha”, histórica zona produtora da droga na região Nordeste do país⁸, garantindo por muitos anos o abastecimento regular da mercadoria em sua comunidade.

A presença da *cannabis* em cidades pernambucanas (Belém de São Francisco, Betânia, Cabrobó, Carnaubeira da Penha, Floresta, Salgueiro, Santa Maria da Boa Vista, Orocó e Petrolina) e baianas (Curaçá, Glória, Juazeiro e Paulo Afonso) foi registrada ainda no século XIX pelo inglês Richard Burton (Fraga, 2015). Como aponta Fraga (2015):

Já nos anos 1930, Jarbas Pernambucano, estudioso de questões sociais envolvendo o uso da maconha, revela a presença de plantios para fins de abastecimento dos incipientes mercados de Salvador e Recife, [...]. Nos anos 1950, em seu livro *O Homem do Vale do São Francisco*, Donald Pierson descreve situações de uso coletivo da maconha e de plantio em, pelo menos, cinco localidades. Nesta mesma época, já há preocupação das autoridades brasileiras com a repressão do plantio nessa região, sendo organizado encontro de autoridades da área de segurança para este fim. (Fraga, 2015, p. 17).

Preocupação das autoridades brasileiras desde pelo menos os anos 1950, a produção de *cannabis* na região do Polígono teria sido responsável durante as décadas de 1980 e 1990 por cerca de 40% do produto consumido no país (Fraga, 2015), corroborando os argumentos que consideram que não apenas o tráfico e o consumo, mas também a produção da droga é um fato pertinente e recorrente na região.

Historicamente abastecido pelas grandes quantidades da droga originárias das cidades do Polígono, a oferta da *cannabis* “solta” teria caracterizado a cena do tráfico varejista nas periferias de Fortaleza até pelo menos o início dos anos 2000⁹. Nesse arranjo, as grandes “balas” do “solto”, apresentação comum no varejo das periferias cearenses

8 O “Polígono da Maconha” abrange cidades localizadas nas divisas dos estados nordestinos de Alagoas, Bahia, Pernambuco e Sergipe (Fraga, 2006).

9 Segundo dados da pesquisa, as principais drogas consumidas nas periferias de Fortaleza nesse período eram: a *cannabis* do tipo “solto”; comprimidos, tais como a *artane* e o *rohypnol*; e, solventes, especialmente a cola.

nas décadas de 1980 e 1990, associam-se não apenas às práticas e técnicas que caracterizavam estilos de uso e consumo no período, mas também à prevalência histórica de rotas regionais do tráfico dessas mercadorias no Nordeste brasileiro, e, sobretudo, a um momento em que a acumulação de capitais econômicos e políticos dos varejistas da droga nas periferias cearenses se desenhava de maneira diferente daquela que encontramos hoje.

O comércio de grandes volumes da *cannabis* do tipo “solto”, e em menor quantidade comprimidos, nas periferias dos bairros de Fortaleza e cidades do Ceará, não produziram nesse período os ganhos econômicos e políticos capazes de estimular a conformação da cena criminal que se precipitaria em meados da última década em terras cearenses. As condições de possibilidades que tornaram possíveis e necessárias (Foucault, 2000) a capilaridade de redes criminais nas periferias do estado parecem estar associadas, e essa é uma das hipóteses do trabalho, às mudanças que transformaram, a partir do final da década de 1990, a oferta das mercadorias ilegais nas periferias cearenses e seus respectivos ganhos econômicos, simbólicos e políticos.

1.1 Transformações do mercado varejista de drogas ilegais e suas implicações para o arranjo da cena criminal no Ceará

No início dos anos 2000, como apontam nossos interlocutores, uma diversificação na oferta das drogas que circulavam nas periferias de Fortaleza impulsionou, não sem conflitos, a transformação das experiências associadas ao comércio desses produtos e o perfil econômico dos traficantes varejistas da cidade. “Da noite para o dia”, o “solto” sumiu das “bocadas” cearenses e em seu lugar passou a ser ofertado um produto apresentado sob uma forma diferente, associado a novos gostos, cheiros, ritmos de consumo e preços.

Um dia eu cheguei lá na “boca” do Vitalino pra pegar um “bagulho” (cannabis) e o cara me apareceu com uma “balinha” bem pequenininha. (Com a mão esquerda o interlocutor coloca em sentido paralelo os dedos indicador e polegar com o objetivo de demonstrar o tamanho diminuto da quantidade ofertada.) Eu olhei praquela “merreca” (quantidade irrisória) e perguntei que “porra” era aquela! A Maria me olhou e disse que era o “paraguaio”, que era pequenininho, mas era potente! Que era melhor do que o “solto”. Na hora eu fiquei indignado e pedi foi meu dinheiro de volta! Eu tava acostumado com as “balas” de dois do “solto” e a mulher me chega com uma balinha “mirrada” (quantidade diminuta)! [...] (André, 44 anos, morador de Pontamar).

Batizado nas periferias de Fortaleza como “paraguaio”¹⁰, a *cannabis* “prensada”

10 O Paraguai é considerado, por fatores climáticos, geográficos e econômicos, um dos grandes produtores de *cannabis* da América do Sul. Fraga (2006) aponta que “A maconha paraguaia entra no Brasil pelo Mato Grosso

popularizou-se nas “bocadas” do estado no início dos anos 2000, ocupando um mercado historicamente dominado pela oferta de seu tipo “solto”¹¹. Nesse período, como consideram nossos interlocutores, o “prensado”, a cocaína, antes restrita a determinados espaços da cidade, e o *crack* inundaram as periferias do Ceará, apontando não apenas para as conexões do estado com o tráfico nacional e internacional de mercadorias ilegais, mas também para as bases econômicas e políticas sobre as quais se desenvolveria de maneira gradual nossa atual cena criminal.

Com ampla circulação nos estados fronteiriços e na região Sul e Sudeste do país, a chegada dessas drogas às periferias de Fortaleza transformou, devido aos valores aplicados, a quantidade comercializada e as dinâmicas de consumo desses produtos, os ganhos econômicos dos traficantes varejistas da capital cearense. Integrados a rede internacional que conecta produtores e consumidores de drogas ilegais¹², sobretudo após a inauguração do Aeroporto Internacional Pinto Martins em 1999 e do terminal portuário do Porto do Pecém em 2002, os traficantes atacadistas que atuavam ou passaram a atuar no estado transformaram a oferta dessas mercadorias no Ceará, potencializando de maneira significativa, como um mercado residual ou não, a lucratividade do comércio varejista dessas substâncias nas “bocadas” das periferias de Fortaleza.

Comparando o período em que vendia “bagulho solto” com o momento em que as drogas da *conexão paraguaia* chegaram às periferias de Fortaleza, Pedro, traficante varejista há mais de 40 anos, considera que:

Era complicado demais cara! A gente pegava uma “lata” (medida comum para o comércio da cannabis do tipo “solta”) ali no Trilho (comunidade localizada no bairro vizinho) desfazia tudo em “bala de dois” e do apurado a gente tirava o “de comer”. Todo dia era essa marmotita! Ninguém tinha dinheiro pra nada! Às vezes ia almoçar tarde porque não tinha feito o apurado ainda! Era “foda” nessa época! [...] Isso aí foi até a hora que chegou as drogas que os caras começaram a trazer do Paraguai. Quando chegou o “prensado”, o “branco” (cocaína) e a pedra (crack) na favela o negócio mudou! [...] Macho, os menino tudim agora tem uma casa decente pra morar, tem moto, tem carro! Olha aí a casa da mãe “macho”! Dois andar, toda rebocada, toda equipada! [...] O Antônio aqui na favela tem é mais de quarenta

do Sul, pela cidade fronteira de Ponta Porã e por Dourados, proveniente de Pedro Juan Caballero e Capitán Bado. Proporção considerável de maconha que ingressa no país vem pelo Rio Paraná, cuja boa navegação (e corrupção) facilita a entrada” (Fraga, 2006, p. 101).

11 As representações e valores relacionados ao uso da *cannabis* do tipo “solto” foram sensivelmente alterados com a penetração de sua versão “prensada” nas duas últimas décadas no Ceará. Com a oferta do “paraguaio” o consumo do “solto” foi associado a narrativas que valorizam um cuidado e uma “dietética de si” (Foucault, 2006). Frente às incertezas relacionadas às formas de produção e substâncias presentes na *cannabis* “prensada”, o “solto” tem sido associado a processos “artesaniais” de produção, idealmente menos carregados de substâncias potencialmente nocivas ao organismo, e a um consumo que valoriza o cuidado de si.

12 Thoumi (2014) aponta que durante os anos 1990 a demanda mundial por mercadorias ilegais passou por transformações significativas, sobretudo devido à saturação do mercado norte americano, levando os produtores de drogas sul-americanos à exploração de novos mercados consumidores e rotas alternativas para o escoamento de seus produtos.

“barracos” (alusão a unidade domiciliar) *tudo alugado!* O negócio agora é “barriga cheia” (referência a um momento economicamente confortável)! [...] (Pedro, 55 anos, morador de Pontamar).

Junto com os hábitos e estilos de consumo dos usuários de drogas¹³, a oferta de novas mercadorias, sobretudo a cocaína, o *crack* e a *cannabis* “paraguaia”, nas periferias de Fortaleza e demais cidades do estado, transformaram positivamente os ganhos econômicos dos traficantes varejistas que atuavam nos bairros das periferias cearenses, como aponta nosso interlocutor. O “apurado” do comércio das drogas, de onde só se tirava o “de comer”, deu lugar, com a popularização do tráfico varejista dessas mercadorias no Ceará, a um processo de acumulação econômica que vai garantir o acesso desses atores a uma série de mercados ilegais e bens de consumo, como casas, veículos e armas de fogo.

No rastro dessa narrativa, corroborada por outros interlocutores, os processos que tornaram possível o arranjo da cena criminal cearense que ganha visibilidade através de uma série de “eventos espetaculares” a partir de 2013 associam-se a processos econômicos, políticos e sociais que se desenvolvem no estado desde pelo menos o início dos anos 2000¹⁴. A ampliação da oferta de drogas ilegais, a conformação de públicos consumidores assíduos e as altas cifras associadas a esse comércio, permitiram a acumulação de bens materiais, consideração (Sá, 2011) e armas de fogo pelos traficantes varejistas das comunidades de Fortaleza, estimulando as condições de possibilidades para que mais tarde estes atores assumissem posições de liderança e controle na estrutura hierárquica das redes criminais que conectam o estado às rotas do tráfico de mercadorias ilegais¹⁵.

2 Tráfico varejista, periferias e redes criminais em Fortaleza, Ceará

As mudanças nas formas de organização, gestão e controle das atividades ilegais

13 Algumas mudanças sentidas pelos usuários de *cannabis* no período, como apontam os interlocutores, estão associadas a transformações no gosto, cheiro, rituais, quantidades diariamente consumidas, gastos financeiros, e, insumos utilizados.

14 As análises que centram sua atenção em eventos espetaculares tendem a desconsiderar os processos históricos de *acumulação social* (Misse, 2006) que envolvem a atuação e reprodução de sujeitos ligados ao crime no Brasil. No Ceará essas análises tendem a desconsiderar, sendo essa é uma das hipóteses do presente trabalho, o papel decisivo da variação da oferta de drogas ilegais e seus respectivos impactos econômicos e políticos na conformação do atual arranjo criminal das cidades cearenses.

15 Cerca de uma década após a chegada do “paraguaio”, no início de 2011 a *cannabis* de tipo híbrida, nacionalmente conhecida como *skunk*, passou a ser comercializada com sucesso nas “bocadas” de Fortaleza e demais cidades do estado. A penetração do *skunk* “manauara”, nesse novo ciclo de diversificação da oferta de produtos, tende a revelar não apenas a capacidade empresarial dos traficantes atacadistas que atuam no Ceará, mas também a atuação de coletivos da região Norte do país que passam a conectar o estado às rotas internacionais do tráfico de mercadorias ilegais que atravessam aquela região.

observadas nas periferias cearenses, sobretudo a partir de 2014, foram acompanhadas por processos que alteraram sensivelmente as experiências, regimes de moralidades e formas de engajamento dos varejistas da droga em Fortaleza. O arranjo local que ganhou corpo nos bairros empobrecidos da cidade, como resultado das interações entre as formas coletivas historicamente presentes nesses espaços, especialmente traficantes varejistas e integrantes de gangues juvenis (Diógenes, 2001; Matos Júnior, 2008), e os representantes do modelo empresarial em rede do crime negócio, que articula o interior das instituições carcerárias e os bairros de nossas cidades (Coelho, 1979; Misse, 2006; Zaluar, 2004)¹⁶, estimulou a tessitura de novas experiências e percepções relacionadas ao tráfico, suas dinâmicas e hierarquias. Diante de uma figuração criminal que coloca em evidência sujeitos conectados, alguns mais outros menos, a redes que atuam em nível local, nacional e internacional, pretendemos explorar, nesse momento do texto, as percepções de traficantes varejistas das periferias de Fortaleza sobre as mudanças, especialmente a partir de 2014, em suas experiências associadas à vida no “mundo do crime” (Ramalho, 1979).

2.1 Redes criminais, gestões centralizadas e tráfico varejista de drogas nas periferias

A atuação “silenciosa” dos traficantes varejistas das periferias cearenses, muitas vezes ofuscada pelo protagonismo dos conflitos entre as gangues de bairros e a atuação das torcidas organizadas que caracterizaram durante algumas décadas a cena criminal juvenil do estado, alterou-se gradualmente com o processo de expansão de coletivos nacionalmente consolidados e a emergência de grupos locais articulados a essas redes (Paiva, 2019). Quando novas dinâmicas de controle agenciadas por coletivos que atuam no interior das prisões cearenses e nos bairros de suas cidades se exacerbam e ganham visibilidade em meados de 2014 (Nascimento; Siqueira, 2022), os varejistas que atuavam de maneira pulverizada nas “bocadas” de Fortaleza destacam que um processo de centralização da gestão dos ilegalismos, à revelia de muitos, incidiu de maneira direta em suas práticas, margens de atuação e expectativas de lucros associados ao tráfico de drogas.

Os ganhos econômicos das últimas duas décadas, o respeito e consideração (Sá, 2011) acumulados ao longo de extensas carreiras criminais e o uso da violência e armas de fogo como dispositivos recorrentes de controle nesses espaços criaram as condições de possibilidades para a consolidação de lideranças locais, que passaram a controlar de

¹⁶ “Levantamento feito por agências de inteligências ligadas ao governo federal apontaram a existência de mais de 80 gangues prisionais no Brasil, modelo que se tornou presente nas 27 unidades da federação.” (Manso e Dias, 2017, p. 27)

maneira intensiva as atividades ligadas ao comércio de mercadorias ilegais nas periferias cearenses. Em meio aos conflitos que envolveram o domínio dos territórios do tráfico no estado, sujeitos que emprestam seus nomes as “bocas de fumo” historicamente consolidadas da cidade e outros que ganharam destaque em um processo de *capilarização das redes criminais* nas periferias de Fortaleza, consolidaram-se como figuras responsáveis pela gestão dos territórios das cidades, seus conflitos e atividades ilegais (Paiva, 2019; Matos Júnior; Santiago Neto, 2019; Nascimento; Siqueira, 2022), tensionando sensivelmente as experiências dos varejistas localmente enraizados.

Como aponta Tico:

[...] Eu vendo aqui e meus primos vendiam lá na terceira quadra. Isso tem uns 20 anos. Nós “tinha” que se virar pra ir atrás de uns e outro fornecedor que a gente conhecia. Aí quando eu conseguia uma mercadoria boa, eu “jogava na mão” da galera pra todo mundo ganhar um trocado. Tinha que correr atrás, perguntar onde tinha e “meter as cara” para ganhar dinheiro. Às vezes o negócio ficava brabo e passava um tempo sem rolar nada. Hoje o negócio tá diferente! Veio uns moleques aqui em casa, de uma hora pra outra, e disseram que se eu quisesse continuar “agilizando” (traficando) ia ter que comprar deles agora! Vieram com um papo que eu tinha que “fortalecer o lado” da galera aqui do bairro e que agora era “tudo 2”! (referência ao coletivo criminal fluminense Comando Vermelho) Agora se eu quisesse continuar “adiantando” (traficando) tinha que pegar só deles! Disseram que se eu pegasse de outra pessoa eles iam saber e iam “cobrar”. [...] (Tico, 40 anos, traficante varejista há cerca de 20 anos.)

Em sua fala Tico identifica não apenas as dificuldades envolvidas na aquisição de drogas para o tráfico varejista no final da década de 1990, mas também pistas significativas sobre os processos difusos que envolvem a consolidação de lideranças em nível local e a exacerbação de práticas de controle ligadas a gestão do comércio de mercadorias ilegais nas periferias de Fortaleza.

Para nosso interlocutor, envolto pelas pressões de uma gestão territorial permeada por ameaças, violências e armas, a continuidade e o sucesso de suas atividades ilegais passavam, agora, não apenas pela aquisição de mercadorias de fornecedores predeterminados, geralmente associados às redes que envolvem suas lideranças¹⁷, mas também pela expressão de novos regimes de moralidades. O comércio varejista de drogas, que ajudou a mudar o poder aquisitivo e bélico dos traficantes das periferias cearenses nas duas últimas décadas, viabilizou o engajamento dos varejistas locais, muitas vezes de maneira involuntária, com fornecedores capazes de garantir a reprodução e o fortalecimento de redes que atuam nos territórios empobrecidos das cidades cearenses.

17 Os conflitos entre esses grupos por domínios territoriais nas periferias de Fortaleza foram marcados por uma série de expulsões de traficantes varejistas, especialmente membros de coletivos rivais, e moradores locais. A partir de 2014 observamos no estado a intensificação de deslocamentos forçados em conjuntos habitacionais e bairros das periferias de Fortaleza e cidades do interior do Ceará. Ver em: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/03/20/politica/1521569179_197468.html. Acesso em 22/10/2023.

Apreciado de maneira positiva em algumas narrativas, especialmente quando a variedade dos produtos e os altos lucros ligados ao comércio ilegal de drogas entram em pauta, o processo de exacerbação do controle das atividades do comércio varejista nas periferias cearenses foi apresentado em outros relatos sob uma ótica negativa, sobretudo quando externalizavam-se experiências associadas às restrições na escolha de fornecedores e ao estreitamento das margens de ação individual na resolução de conflitos interpessoais. Para Catita, que afirma ter deixado de traficar devido às exigências desse novo arranjo criminal:

[...] Não vale a pena mais o cara se envolver no tráfico não! E não “tó” falando nisso por causa do dinheiro não. “Mô galera” (muita gente) enricou nesses últimos anos aqui nas “área” com o tráfico. Nunca vi tanto dinheiro circular na favela! Eu até queria “tá” ganhando esse dinheiro também, mas não vale a pena não! Hoje pra tu traficar tu é obrigado a comprar “dos caras” (coletivo) que a galera manda, tu tem que comprar arma, tu tem que formar o teu “exercitozinho” pra entrar no jogo e a galera te respeitar. Já “tô” velho demais pra isso cara! Os pivete entra nessas parada e tu vê aí um monte de mãezinha chorando, por que o cara tem que dar a vida pela facção! Não entrei no tráfico pra isso não meu chapa! [...]
(Catita, 56 anos, traficante varejista há pelo menos 40 anos)

As restrições relacionadas à escolha dos fornecedores que agora poderiam ser acionados no abastecimento das “bocas” de Fortaleza minavam, aos olhos dos nossos interlocutores, as margens de liberdade e auto-organização que pareciam caracterizar historicamente as atividades dos sujeitos envolvidos no tráfico varejista das periferias cearenses.

“Permanecer no tráfico” no arranjo criminal que se pronunciou de maneira exacerbada a partir de 2014 permitia, por um lado, o acesso à complexa rede do tráfico de mercadorias ilegais e suas lucrativas atividades, e exigia, por outro, o enredamento desses sujeitos nas teias de obrigações morais e práticas associadas aos valores, normas e regras que balizam, sob a ameaça de violência e morte, a atuação dos coletivos criminais nas periferias cearenses. Os varejistas de Fortaleza, segmentados em grupos localmente enraizados, deviam agora responder, quando cobrados, aos responsáveis por “sua área”, esquadrinhadas em meio aos conflitos pelos territórios do tráfico na cidade (Paiva, 2019). Em nome da manutenção de domínios territoriais e rendimentos econômicos dos grupos locais e das redes com as quais se conectam, lideranças foram responsabilizadas pela cobrança de “pisos” e “furos” em seus domínios, articulando novas maneiras de conduzir e administrar a resolução de conflitos e o tráfico varejista no estado¹⁸.

18 Feltran (2010) aponta que a utilização da violência armada seria a “[...] fonte última da legitimidade e autoridade do “mundo do crime” e dos “irmãos” nas periferias da cidade. Entretanto, cotidianamente, esses grupos manejam componentes muito mais sutis de disputa pelas normas de convivência, como a reivindicação de justiça dos comportamentos, amparados na “atitude”, “disposição” e “proceder” na oferta de “justiça” a quem dela necessita.” (Feltran, 2010, p. 63)

A atuação dessas lideranças, em outros contextos chamada de sintonia (Feltran, 2010), e os dispositivos de controle acionados na gestão de seus territórios foram capazes de garantir, e em alguns casos aumentar, a lucratividade das atividades dos varejistas que atuam nas franjas de Fortaleza ao mesmo tempo em que “fortaleceram o lado” dos coletivos criminais que atuam na cidade. Essa figuração criminal que tornou possível e necessário um processo de centralização da gestão dos ilegalismos, muitas vezes articulado a um discurso de igualdade no “mundo do crime”, e a exacerbação de práticas de controle e disciplina, exigem dos varejistas de Fortaleza engajamentos sensivelmente diferentes daqueles que historicamente configuraram o comércio de mercadorias ilegais na capital do estado. “Vestir a camisa de uma facção” (Matos Júnior; Santiago Neto; Pires, 2022) parece ter enredado nossos interlocutores em uma teia de controles e obrigações práticas e subjetivas que incide de maneira decisiva sobre as dimensões materiais, simbólicas e morais de suas experiências associadas ao tráfico de drogas, revelando algumas das transformações recentes da cena criminal no Ceará.

2.2 Redes criminais, moralidades e consumo de drogas

Um processo de centralização da gestão das atividades ilegais nos territórios da cidade e a exacerbação do uso de mecanismos de controle pelos representantes localmente enraizados das redes criminais no Ceará estimularam a tessitura de novos regimes de moralidades e comportamentos associados ao tráfico varejista. Acostumados a jornadas e rotinas de trabalho pautadas em suas expectativas pessoais e familiares de lucros e demandas consumistas, os varejistas das periferias de Fortaleza passaram a cumprir horários rígidos de trabalho, a evitar práticas que tendiam a maximizar seus ganhos econômicos¹⁹ e a abandonar o consumo de determinadas substâncias, especialmente o crack, moralmente desvalorizadas e rechaçadas em seus grupos.

Traficante varejista há mais de 10 anos na comunidade de Rosacruz, Renato considera que:

[...] As coisas mudaram muito cara! Antes o “nego” acordava a hora que queria e eu que fazia o meu horário! Agora eu tenho que prestar conta de tudo que eu faço! Deu a hora, eu tenho que tá lá no beco. E aí de mim se eu não tiver lá! “Os cara” sabe de tudo e vem logo “cobrar”! Pode vir aqui que toda hora tem um “pivete” aqui pra despachar a droga. (Renato, 39 anos, traficante varejista morador de Rosacruz)

A gestão mais incisiva das atividades ilegais e as práticas de controle associados a

19 Um de nossos interlocutores recorda que durante o processo de capilarização dos coletivos criminais nas periferias de Fortaleza, em 2014, foi instruído a não “batizar a droga” (misturá-la com outras substâncias) que iria vender em sua “boca”, sob o risco de severas punições.

esse arranjo demandam de nossos interlocutores disposições e comportamentos distintos daqueles com os quais estavam cotidianamente acostumados. Como aponta Renato, regimes de trabalho mais rígidos foram impostos pelos “patrões” locais do crime aos varejistas do tráfico, deteriorando a capacidade de autorregulação e a margem de ação desses sujeitos nas “bocas” da cidade. O cumprimento de extensos horários de trabalho, o manejo adequado do estoque para o abastecimento regular da “boca” e a precisão na prestação de contas dos valores negociados durante “a atividade”, entre outros compromissos, envolvem nesse contexto não apenas relações monetárias, mas também a possibilidade de “andar pelo certo” e permanecer integrado aos grupos locais ligados ao crime (Marques, 2014). Associados a uma ética e moralidade do crime (Biondi, 2018), o descumprimento dessas regras poderia “deixar um furo” passível de severas cobranças, que vão desde repreensões verbais e suspensões momentâneas das atividades do tráfico até processos de expulsões e assassinatos²⁰.

Integrados às redes dos coletivos criminais, os varejistas do tráfico transformaram, sob o signo da vigilância e da ameaça, não apenas suas rotinas de trabalho, mas também suas práticas de consumo, ajustando-as às moralidades e necessidades de um novo arranjo. Antônio aponta que muitos de seus parceiros do tráfico foram estimulados e pressionados a abandonar o consumo de algumas substâncias quando passaram a “vestir a camisa” dos Guardiões do Estado (GDE):

[...] “Os cara” não aceita “vacilo” não! Tinha uns e outro aí que dava maior valor tomar umas “rocha” (*rohypnol*) e tiveram que parar de tomar pra entrar pra facção. Deram o toque que mesmo quando não tivesse no “corre” (tráfico) não podia tomar, pois era droga de “vacilão”! O “pivete” que quer “vestir a camisa” hoje não pode tomar rocha e nem fumar *crack* na favela. Se a galera pegar o cara fumando *crack* e tomando rocha é um “foguetete” (problema) do tamanho do mundo! [...] (Antônio, 40 anos, morador de Pontamar, traficante varejista)

Os processos dinâmicos de ajustamento dos traficantes varejistas ao arranjo criminal articulado em redes no Ceará, como aponta nosso interlocutor, envolveram uma série de mudanças comportamentais e consumistas ajustadas às exigências comerciais, morais e éticas que permeiam os discursos e formas de reprodução desses coletivos no estado. Sujeitos que até então afirmavam gozar de autonomia e liberdade, relativamente amplas, em suas tomadas de decisões foram envolvidos pela interdição do consumo de drogas que no “mundo do crime” cearense, e não apenas nele, tendem a ser apreciadas de maneira negativa. Como ponderou Antônio em outro momento, “*Malandro não usa pedra, só vende!*”.

A interdição do consumo de drogas nas periferias de Fortaleza, especialmente o

20 Barreira (2015) aponta que a crueldade seria uma das marcas das ações dos coletivos que atuam no Ceará a partir de 2014. Em busca de afirmação e reconhecimento, grupos locais encontrariam na crueldade, segundo o autor, um mecanismo capaz de revelar sua força e organização.

crack e alguns comprimidos, foi acompanhada por um esquadramento dos espaços onde essas substâncias poderiam ser cotidianamente consumidas. Historicamente temerosos quanto à presença das forças policiais durante o consumo de drogas no interior de suas comunidades, nesse novo arranjo criminal, que articula o interior das prisões e as periferias do estado, os traficantes varejistas foram pressionados a abandonar o consumo de drogas em determinados espaços de seus territórios, sobretudo naqueles onde circulavam grandes quantidades de pessoas.

Morador de Rosacruz e traficante varejista há pelo menos duas décadas, Paulo recorda que certo dia ao acender um “baseado” na rua que dá acesso a praia da comunidade foi alertado por um de seus companheiros que ninguém mais poderia usar drogas naquele local. Descrevendo suas experiências e impressões sobre as limitações do consumo de drogas nos espaços de “sua área”, nosso interlocutor ponderou que:

[...] Todo mundo sabe que é errado usar droga, principalmente na frente das crianças! Aí tem cara folgado que chega se sentindo o dono da praia e acende um baseado do tamanho do mundo no “mei” dos “coroa” e das “criança”. Aí vem a tiazinha da igreja e tem que ver aquilo ali. Agora a gente não deixa mais não, senão vira bagunça. Se o “pivete” não souber a gente avisa numa boa, agora se continuar aí não é mais comigo que dei o aviso, é com os “pivete” da facção que vão “cobrar”. Não adianta nem se fazer de desavisado, todo mundo sabe que aqui não pode! (Paulo, 38 anos, morador de Rosacruz, traficante varejista).

A narrativa de Paulo considera em seu teor algumas das transformações recentes que ocorreram nas dinâmicas de controle exercidas sobre o consumo de drogas nos territórios dominados por coletivos criminais em Fortaleza, destacando os regimes de moralidades e disposições (Bourdieu, 1994) que passam a nortear as ações dos sujeitos envolvidos no tráfico varejista local, como também dos demais moradores das periferias da cidade.

Nos bairros empobrecidos de Fortaleza traficantes varejistas e seus clientes foram proibidos de consumir drogas em espaços onde funcionam equipamentos de relevância comunitária, tais como praças públicas, pontos de ônibus, escolas, postos de saúde e templos religiosos. Os espaços da comunidade e determinados grupos sociais, especialmente famílias, religiosos, idosos e crianças, deviam agora, mais do que em outros tempos, serem respeitados, evitando-se a todo custo o consumo de drogas diante desse público.

Advertidos oralmente ou através de inscrições estampadas nos muros de seus territórios²¹, os traficantes varejistas cearenses ajustaram dinamicamente suas práticas,

21 As inscrições nos muros da cidade indicam, entre outras situações, a presença, domínio territorial, alianças e exigências comportamentais dos coletivos criminais que atuam nas periferias de Fortaleza. Para mais detalhes ver Matos Júnior & Santiago Neto (2019).

moralidades e ética ao vincularem-se às redes locais e nacionais que atuam na gestão do crime no Brasil. Sob essa perspectiva, a proibição do consumo de determinadas drogas e a interdição seletiva dos espaços das comunidades para seu consumo emergem como práticas associadas à adoção de novas disposições e a profundidade dos engajamentos individuais exigidos pelo “mundo do crime”. Em meio às lutas diárias pela sobrevivência individual e familiar, às aspirações por lucro e reconhecimento social e os dispositivos de controle e violência acionados nas franjas da cidade, estão sendo tecidas, sobretudo a partir de 2014, formas substancialmente diferentes de vivenciar e representar o tráfico de drogas varejista e suas tramas nas periferias do Ceará.

Considerações Finais

Diante do exposto ao longo do texto, podemos considerar em nossas linhas finais que o arranjo do tráfico varejista de drogas ilegais em Fortaleza, Ceará, vem passando por mudanças sensíveis nas duas últimas décadas a partir, por um lado, da diversificação da oferta de produtos e sua correspondente lucratividade nas periferias da cidade, e, por outro, da articulação de novos atores e suas regras práticas e morais a essas atividades. Explorando as pistas que a análise das transformações do mercado da droga nos permite entrever e se distanciando de investigações que privilegiam em suas linhas apenas “eventos espetaculares”, a atuação de redes criminais, de alcance nacional e internacional, revela-se anterior aos eventos que vêm sacudindo a capital cearense desde meados de 2014.

Privilegiando as conexões entre a emergência de uma nova cartografia das drogas e a atuação dos chamados “coletivos criminais”, as transformações que tensionam o lucrativo comércio de mercadorias ilegais nas periferias de Fortaleza e o engajamento de nossos jovens nessas arriscadas e lucrativas atividades podem ser compreendidos sob um outro ângulo. Nessa perspectiva, a variação da oferta de produtos ilegais nos últimos vinte anos, sobretudo a penetração da cocaína e do crack, promoveu mudanças significativas não apenas no perfil econômico, social e político dos traficantes varejistas da capital cearense, mas também nos ajustamentos individuais e dispositivos de controle necessários a gestão do crime nos bairros da periferia de Fortaleza. Sob o rastro da diversificação da oferta de drogas ilegais nas periferias da cidade no início dos anos 2000 e seus impactos econômicos, políticos e simbólicos, o arranjo criminal da década seguinte torna-se possível e necessário (Foucault, 2000), dando-nos pistas para a compreensão das novas dinâmicas associadas ao crime no Nordeste brasileiro.

Referências

- BARREIRA, César. Crueldade: a face inesperada da violência difusa. *Revista Sociedade e Estado*. Curitiba, vol. 30, n. 1, pp. 55-74, 2015.
- BIONDI, Karina. Proibido roubar na quebrada: território, hierarquia e lei no PCC. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2018.
- BOURDIEU, Pierre. Razões práticas. São Paulo: Papirus 1994.
- _____. O poder simbólico. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.
- COELHO, Edmundo Campos. A oficina do diabo e outros estudos sobre criminalidade. Rio de Janeiro: Editora Record, 1979.
- DIOGÊNES, Glória. Cartografias da cultura e da violência: gangues, galeras e o movimento Hip Hop. Fortaleza: Annablume, 2001.
- FELTRAN, Gabriel de Santis. Crime e castigo na cidade: os repertórios da justiça e a questão do homicídio nas periferias de São Paulo. *Cadernos CRH*, v. 23, p. 59-73, 2010.
- FOUCAULT, Michel. Em defesa da sociedade. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- _____. A hermenêutica do sujeito. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- FRAGA, Paulo César Pontes. Plantios ilícitos no Brasil: notas sobre a violência e o cultivo de *cannabis* no polígono da maconha. *Cadernos de Ciências Humanas-Especiaria*, 9 (15), p. 95-118, 2006.
- _____. A participação feminina no plantio de *cannabis* no Vale do São Francisco. In: FRAGA, Paulo César Pontes (org.). *Mulheres e criminalidade*. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2015.
- MANSO, B. P.; DIAS, C. N. PCC, sistema prisional e gestão do novo mundo do crime no Brasil. *Revista Brasileira de Segurança Pública*, v. 11, n. 2, p. 10-29, 2017.
- MARQUES, Adalton. Crime e proceder: um experimento antropológico. São Paulo: Alameda Editoria, 2014.
- MATOS JÚNIOR, Clodomir Cordeiro de. A violência no contexto urbano: um estudo do processo de produção de sentidos e estereótipos sobre o espaço social e o indivíduo. Monografia apresentada ao Bacharelado em Ciências Sociais da Universidade Estadual do Ceará, 58 p., 2004.
- _____. Violência, Cidadania e Medo: vivências urbanas em Fortaleza. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará, 137 p., 2008.
- MATOS JÚNIOR, Clodomir Cordeiro de; SANTIAGO NETO, João Pedro de. Os muros da cidade: domínios territoriais, alianças e segurança em Fortaleza, Ceará. *Fotocronografias*, Vol. 5, nº 10, p. 81-90, 2019.
- MATOS JÚNIOR, Clodomir Cordeiro de; SANTIAGO NETO, João Pedro de; PIRES, Artur de Freitas. Mercados Ilegais e Dinâmicas Criminais: notas sobre as Transformações do Tráfico de Drogas nas Periferias de Fortaleza, Ceará. *Revista Tomo*, nº 40, jan./jun., p. 39-62, 2022.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). *Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1994.
- MISSE, Michel. Crime e violência no Brasil contemporâneo: estudos de sociologia do crime e da violência urbana. Rio de Janeiro: Lumen Juris editora, 2006.
- NASCIMENTO, Francisco Elionardo de Melo; SIQUEIRA, Ítalo Barbosa. Dinâmicas “Faccionais” e Políticas Estatais entre o Dentro e o Fora das Prisões do Ceará. *Revista Tomo*, nº 40, jan./jun., p. 123-164, 2022.
- PAIS, José Machado. Vida cotidiana: enigmas e revelações. São Paulo: Cortez, 2003.
- PAIVA, Luiz Fábio Silva. “AQUI NÃO TEM GANGUE, TEM FACÇÃO”: as transformações sociais do crime em Fortaleza, Brasil. *Caderno CRH*, 32 (85), p. 165-184, 2019.
- RAMALHO, José Ricardo. Mundo do crime: a ordem pelo avesso. São Paulo: Editora Graal, 1979.
- SÁ, Leonardo Damasceno de. A condição de “bichão da favela” e a busca por “consideração”: uma et-

nografia de jovens armados em favelas à beira-mar. *Dilemas: Revista de Estudos de Conflito e Controle Social*, Vol. 4, nº 2, pp. 339-355, 2011.

SANTIAGO NETO, João Pedro de. *Fronteiras de Pedra: Controle, exclusão e sociabilidades nas madrugadas da praça*. Monografia apresentada ao Bacharelado em Ciências Sociais da Universidade Federal do Ceará, 55 p., 2011.

_____. *Riscos e Perigos: um estudo sobre os conflitos cotidianos dos agenciadores do tráfico de drogas ilícitas*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará 134 p., 2014.

THOUMI, Francisco E. *Organized crime in Colombia: The Actors Running the Illegal Drug Industry*. In: PAOLI, Letizia. (ed.) *The Oxford Handbook of Organized Crime*. New York, NY: Oxford University Press, 2014.

ZALUAR, Alba. *Integração perversa: pobreza e tráfico de drogas*. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

Sobre os autores

Clodomir Cordeiro de Matos Júnior – Doutor em Sociologia (PPGS/USP). Professor Adjunto da do Curso de Licenciatura Interdisciplinar em Ciências Humanas/Sociologia do Centro de Ciências de São Bernardo (CCSB) e do Programa de Pós-Graduação em Sociologia (PPGS) da Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Professor Colaborador do Programa de Pós-Graduação em Sociologia (PPGS) da Universidade Estadual do Ceará (UECE). Coordenador do Laboratório de Pesquisas e Estudos sobre as Cidades e seus Conflitos (CITADINOS/UFMA/CNPQ). Orcid: 0000-0001-5923-6980. clodomir.cordeiro@gmail.com

João Pedro de Santiago Neto – Doutorando em Sociologia (PPGS/UFC), com Estágio Doutoral na Universidade de Lisboa (UL). Mestre em Sociologia (PPGS/UFC). Pesquisador do Laboratório de Pesquisas e Estudos sobre as Cidades e seus Conflitos (CITADINOS/UFMA/CNPQ). Orcid: 0000-0001-8052-2869. joao_santiago_33@yahoo.com.br